

## Antiga Fábrica da Companhia de Moagens Harmonia

# Intérprete do Património Industrial

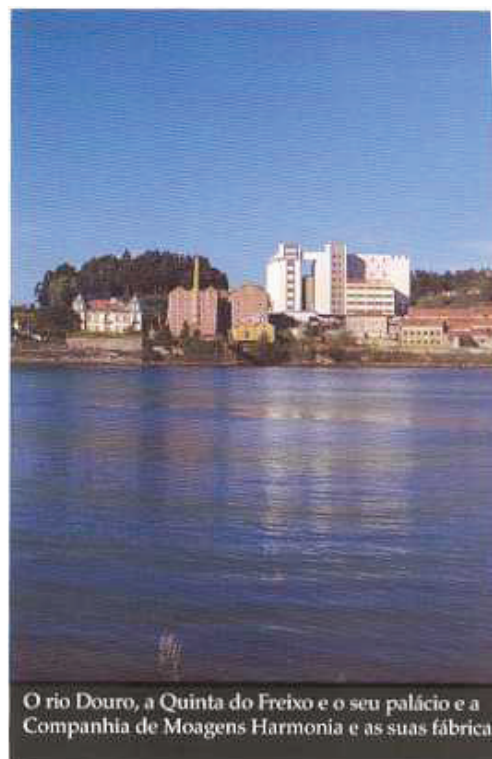
por João Rapagão<sup>1</sup>  
Arquitecto

O antigo imóvel da Companhia de Moagens Harmonia integra uma paisagem voltada para o Rio Douro que revela o surgimento e desenvolvimento da indústria portuense, constituindo, por isso, um documento importante para a sua compreensão e interpretação. Representa, ainda, um testemunho com um grande significado regional e local quando assistimos, hoje, ao desaparecimento de inúmeros exemplares industriais com mais de cem anos e ao aparecimento de operações imobiliárias que procuram as áreas libertadas pelas instalações transferidas para as zonas industriais inscritas nas periferias urbanas dos planos directores municipais.

As pequenas e grandes indústrias localizadas no interior da cidade vão desaparecendo restando, assim, alguns - poucos - exemplos da afirmação da indústria portuense, importante no panorama nacional devido ao seu significado nos domínios político, económico, urbano e, sobretudo, social.

A antiga fábrica da Companhia de

Moagens Harmonia encontra nos limites administrativos da cidade e nas margens do Rio Douro, elemento preponderante para a sua



O rio Douro, a Quinta do Freixo e o seu palácio e a Companhia de Moagens Harmonia e as suas fábricas.

<sup>1</sup> João Rapagão, Docente do Departamento de Arquitectura da Universidade Lusíada no Porto. Desenvolve, actualmente, a dissertação para Doutoramento em Arquitectura. Coordena a equipa responsável pelo estudo de adaptação da antiga fábrica da Companhia de Moagens Harmonia a Museu da Ciência e Indústria do Porto. Desenvolve, com o Arq. César Fernandes, diversos estudos de valorização, recuperação e reutilização de imóveis com valor patrimonial e cultural.

sustentação e, por consequência, para a sua relação com outros agentes económicos locais e regionais, a justificação para uma localização, instalação e exposição importantes no universo do património industrial.

A instalação fabril é implantada dezoito metros a Nascente do Palácio do Freixo desenhado por Nicolau Nasoni. A Quinta do Freixo que envolve o palácio e constrói a encosta é, para o efeito, adquirida por um conjunto de negociantes portuenses.

Morfologicamente, a sua localização no espaço urbano existente no fim do século XIX, utiliza a proximidade com o rio e com a cidade, procurando acessibilidades que motivam e facilitam o estabelecimento de rotas e trocas comerciais. Tipologicamente, confirmando outros exemplos, opta por uma relação de proximidade com a habitação do seu proprietário, mostrando o significado e o valor da indústria.

Construída a partir da aquisição da Quinta a 1 de Março de 1890, a fa-

lência ocorrida em 15 de Maio de 1918 origina a venda da fábrica a outro grupo de homens de negó-

*A Quinta do Freixo e o seu palácio, a Companhia de Moagens Harmonia e as suas fábricas e, finalmente, o Rio Douro, descrevem duzentos anos da história da cidade.*

cios do Porto. A Companhia de Moagens Harmonia deixa de laborar na antiga fábrica em 1969 e ocupa, desde essa década, o novo edifício implantado nos terrenos contíguos, situados a Norte da Estrada Nacional 108 que serve as duas instalações fabris. O imóvel, integrado na Quinta do Freixo, é adquirido em 1984 pelo Estado, nomeadamente, pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional que o transfere, recentemente, para a Câmara Municipal do Porto que o pretende recuperar e adaptar a Museu da Ciência e Indústria, depois de servir o evento Porto, Capital Europeia da Cultura, 2001.

A concepção e evolução temporal e espacial do imóvel, resultado das ampliações em altura produzidas em 1932 e desenhadas pelo Arq. Júlio José de Brito - dois pisos no corpo Poente - oferecem um património industrial com uma identidade e qualidade modernas. A sua utilização durante as diversas edições das Jornadas de Arte Contemporânea e, ainda, por companhias de teatro e de dança nos últimos anos mostram a sua capacidade e versatilidade para responder a diversas utilizações.

A modulação estrutural e espacial constituem uma unidade reveladora da evolução da indústria que se actualizou, frequentemente, durante a primeira metade do século. Esta versatilidade, confirmada pelas recentes ocupações temporárias inspiraram e levaram a Associação Museu da Ciência e Indústria a reutilizar e adaptar o imóvel a mu-

seu que pode, assim, confirmar a sua capacidade para responder a novas funções e, paralelamente, integrar a exposição permanente do futuro museu, revelando e testemunhando a evolução da transformação e produção industrial portuense. Pode, ainda, relatar a evolução da ocupação e transformação do espaço urbano portuense através do conjunto constituído por uma quinta capaz de motivar a instalação de uma fábrica, afirmando e prolongando a composição da estrutura barroca e, mais tarde, originar a fábrica iniciada em 1952, acompanhando a evolução e transformação dos tempos modernos.

O imóvel relata a sua história. Está dividido em dois corpos principais, o mais antigo a Nascente e o mais recente a Poente que traduzem a evolução técnica e económica da fábrica, ocupando cerca de 8.000 metros quadrados de área coberta. Contíguo, adossado a estes volumes, com dois pisos, encontramos o corpo da sala da máquina a vapor e, finalmente, na margem ribeirinha, as instalações sociais da fábrica construídas mais tarde - anos 40 e 50 - e que chegaram a servir mais de cem operários.

A antiga fábrica da Companhia de Moagens Harmonia é uma das protagonistas da modernização da produção cerealífera portuguesa quando adopta o sistema de moagem austro-húngaro. Os grandes vãos da estrutura correspondem à necessidade de instalação de um complexo conjunto de máquinas capaz de receber, moer, peneirar, triturar, desagregar e, finalmente, produzir as diversas versões de produtos e subprodutos finais produzidos pela Companhia de Moagens Harmonia que chegaram a atingir os 110.000 quilogramas em 24 horas.

Uma observação mais atenta revela pavimentos e paramentos carregados de marcas e de aberturas para a passagem de correias que confirmam uma utilização que se apodera do imóvel que passa, assim, a integrar o diagrama de produção da fábrica. A resposta às necessidades e responsabilidades técnicas mais exigentes produzem uma fábrica que materializa as



Chaminé e o corpo Poente da antiga fábrica da Companhia de Moagens Harmonia



transformações funcionais e, paralelamente, as modificações formais de cada momento, interpretando os desafios impostos no sector de produção moageira durante a primeira metade do século XX.

Entre a transformação dos produtos e subprodutos inicial, instalada no corpo Nascente e a produção final, instalada no corpo Poente, as matrizes de distribuição das máquinas pelos diversos níveis incluem, sempre, os pavimentos e paramentos que passam a integrar a linha de produção da fábrica transformada em máquina. O imóvel surge, aqui, colonizado e adoptado pelas máquinas que o integram.

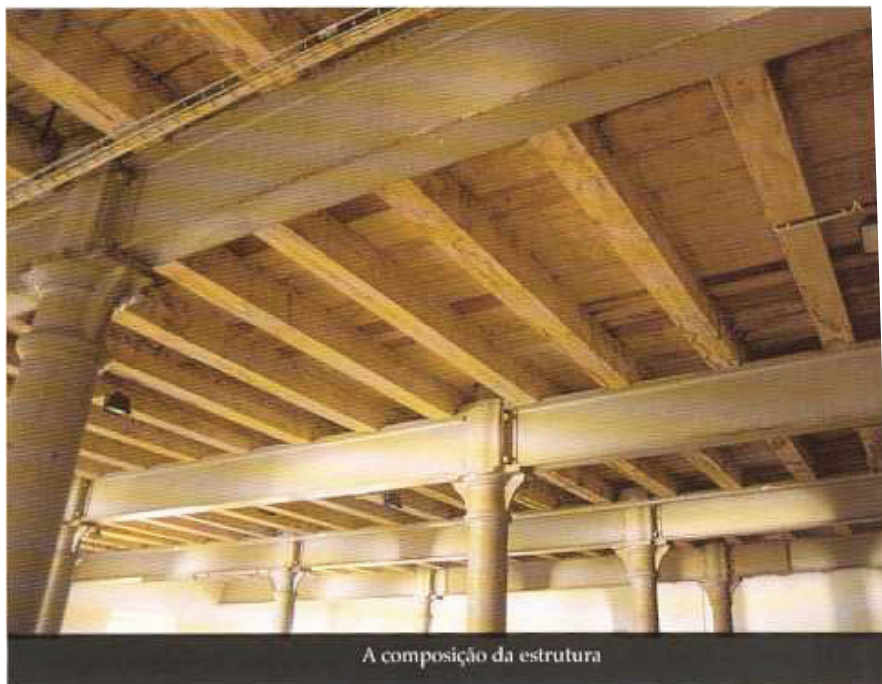
A antiga fábrica da Companhia de Moagens Harmonia adopta, exteriormente, os materiais nobres que o passado exhibe e que a forma carece - pedra - e, interiormente, os materiais modernos que o futuro exige e a função obriga - ferro e madeira. Esta atitude traduz as preocupações de quem actua, por um lado, referenciado pelos valores instalados no Palácio do Freixo, por outro, motivado pelos novos materiais e pelos novos usos.

A planta revela uma matriz abstracta. A malha estrutural e espacial parece, assim, querer permitir uma utilização versátil e útil. Esta abstracção serve com racionalidade a utilização do imóvel e invade os alçados que procuram, no entanto, nos remates e nos elementos de transição com a envolvente, adoptar e imitar valores que devem e merecem ser preservados e assinalados. A marcação das naves estruturais recortam os alçados Norte e Sul, responsáveis pela imagem voltada para a cidade e o rio, confirmando o alçado do palácio barroco. O cumprimento do alinhamento do Palácio do Freixo afirma a continuidade temporal e espacial que se opera sobre esta margem do rio durante cem anos.

A transição entre os volumes Nascente e Poente, conseguida pela linha de sombra que separa os dois volumes, produz um segundo plano marcado e identificado pela verticalidade da chaminé, implantada a eixo do corpo Poente, com cerca de 45 metros de altura, assente sobre uma base prismática e um

fuste em tijolo maciço. A chaminé da fábrica surge, ainda, como uma marca no terraço de cargas e descargas dos cereais e das farinhas e um símbolo da afirmação industrial na paisagem voltada para rio

património industrial e cultural. A Quinta do Freixo e o seu palácio, a Companhia de Moagens Harmonia e as suas fábricas e, finalmente, o Rio Douro, descrevem duzentos anos da história da cidade, espe-



A composição da estrutura

com o qual se relaciona.

Os paramentos exteriores são construídos em alvenaria de pedra, diminuindo de espessura, piso a piso, no sentido ascendente. A estrutura dos pavimentos interiores é constituída por pilares em ferro fundido da Fundação de Massarelos e da Fundação da Vitória com capitéis desenhados para apoio de vigas metálicas em perfis laminados, geralmente, perfis I normais - INP. Estes perfis apoiam vigas de madeira afastadas cerca de 1 metro, sobre as quais está instalado o soalho com espessuras que variam entre os 3 e os 6 centímetros. Os vãos exteriores surgem entre o alinhamento dos pilares. A opção altimétrica e planimétrica traduz as necessidades técnicas. A modulação volumétrica respeita os terraços voltados para o Rio Douro. As acções realizadas durante cem anos procuram, finalmente, construir uma paisagem com valores que podemos, hoje, a partir de conceitos contemporâneos de património, validar para o estudo do

cialmente, da sua indústria. Constituem, por isso, testemunhas vivas de uma concepção e evolução industrial e, também, cultural e social, onde a antiga fábrica da Companhia de Moagens Harmonia conserva, documenta e interpreta valores assinaláveis e consideráveis para o património industrial portuense. ■

#### Textos de referência:

CORDEIRO, José Manuel; FERNANDES, César; SAMPAIO, Maria da Luz; RAPAGÃO, João Paulo, "Museu da Ciência e Indústria: Programa Museológico", *Revista Arqueologia Industrial*, Porto, Associação Museu da Ciência e Indústria, III Série, Volume 1, Número 1-2, 1997, páginas 47 a 88.

SAMPAIO, Maria da Luz, *Nota Histórica. Antiga Fábrica da Companhia de Moagens Harmonia*, Porto, Associação Museu da Ciência e Indústria, 1999.